INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL EM CHAPECÓ-SC

II Congresso Online de Ginecologia e Obstetrícia da Sogise, 2ª edição, de 01/11/2021 a 03/11/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-14-2

SIQUEIRA; Maria Eduarda Ortiz de [1], PAULINI; Bárbara Zucco [2], WAGNER; Adriana Wagner [3]

RESUMO

A violência sexual acarreta danos físicos, emocionais e psicológicos para suas vítimas. Além disso, 16 a 58% das mulheres são acometidas por alguma infecção sexualmente transmissível (IST), mesmo com os protocolos estabelecidos de atendimento às pessoas expostas, os quais garantem o fornecimento obrigatório de profilaxias contra patógenos virais e não virais. Assim, todas as vítimas expostas ao sêmen ou fluidos corporais do agressor devem ser submetidas à profilaxia contra ISTs, idealmente dentro de 72 horas, após a violência, enquanto as mulheres que relatam abuso crônico ou uso de preservativo durante o episódio não recebem profilaxia para ISTs não virais. Ainda, 33% das mulheres desistem do tratamento precocemente, devido aos efeitos adversos das medicações. Portanto, avaliar a incidência e os fatores relacionados às ISTs em mulheres vítimas de violência sexual em Chapecó-SC, torna-se necessário visando a integralidade do acesso à saúde. Trata-se de um estudo transversal, baseado em 129 prontuários de violência sexual contidos no Sistema de Informação e Agravos de Notificação (SINAN), no período de janeiro de 2010 a dezembro de 2020. Para análise das variáveis relacionadas à ocorrência de ISTs foram analisados 106 prontuários. Os dados colhidos foram tabulados e avaliados através de análise em frequência simples e proporção, como também, a aplicação do teste chi quadrado. A associação entre as variáveis foi testada por *Odds Ratio*, no programa *IBM SPSS*. Os casos confirmados de ISTs como consequência da violência sexual representaram 12,26% do total, apresentando maior ocorrência na faixa etária de 20 a 49 anos (39,8%). Dentre as mulheres que foram atendidas no intervalo de 72 horas, 14,8% contraíram alguma IST, enquanto, dentre as mulheres que não foram atendidas nesse período, 5,6% contraíram. Durante o atendimento, 86,6% das vítimas de violência sexual receberam profilaxia para HIV; 82% receberam profilaxia para ISTs não-virais, e dessas, 13,7% contraíram alguma infecção. Apenas 38,3% das vítimas receberam profilaxia para hepatite B. Os casos de violência sexual cometidos por dois ou mais agressores apresentaram uma proporção consideravelmente maior de ISTs (36,8%), quando comparados a casos envolvendo um único agressor (8,2%), ampliando, em 6,51 vezes a chance de contrair alguma infecção. O presente estudo demonstrou, dentro dos limites de pesquisa, que a política de prevenção às ISTs do Serviço de Atendimento Especializado da cidade de Chapecó-SC, se mostrou relevante. Ainda, facilitou a demarcação do perfil epidemiológico da cidade, permitindo a criação de futuras políticas públicas voltadas para os obstáculos locais.

[1] Unochapecó, maduortizsiqueira@gmail.com
[2] Unochapecó, barbara.paulini@unochapeco.edu.br
[3] Unochapecó, adriwagner31@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Estupro, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Saúde da Mulher

[1] Unochapecó, maduortizsiqueira@gmail.com
[2] Unochapecó, barbara.paulini@unochapeco.edu.br
[3] Unochapecó, adriwagner31@hotmail.com